

# Capítulo 4

## O magnetismo das mulheres em três contos de Machado de Assis<sup>1</sup>

Bárbara Laís Pereira Antunes<sup>2</sup>

Luna Favarini Gontijo<sup>3</sup>

Maurício José de Faria<sup>4</sup>

Patrícia Ferreira Santiago<sup>5</sup>

## INTRODUÇÃO

Uma característica marcante nas obras de Joaquim Maria Machado de Assis é a atuação da personagem feminina como centro de conflito dos enredos e catalisadora das ações que desenrolam a trama. Ainda que geralmente os protagonistas das obras machadianas sejam masculinos, é a mulher a figura principal das histórias e o elemento narrativo que cativa e seduz o leitor.

É esse destaque do feminino para o autor e a construção dos demais elementos da narrativa em seus textos que este trabalho busca analisar. Para tanto, foram selecionados três contos machadianos que serão as bases dos estudos deste artigo: *A cartomante*, *Uns braços* e *Missa do galo*. Em todos esses textos, a mulher executa papéis similares e centrais na trama como propulsoras dos conflitos em razão das suas capacidades naturais de sedução. Devido à relevância indiscutível das obras de

Machado de Assis para os estudos literários e linguísticos, é sempre frutífero revisitar seus textos, para enriquecer os acervos de pesquisa existentes e para a formação dos discentes do curso de Letras. Assim, este trabalho se justifica, ainda que já existam estudos vastos e variados baseados nesse autor.

O autor usa as tramas nesses contos e estrutura as significações em favor das histórias com uma habilidade literária singular. O estilo do autor é inconfundível, pois ele usa com precisão estética a Língua Portuguesa. Desta forma, sua obra, apesar de estar afastada dos leitores quando se pensa no momento de produção, deve ser estudada profundamente por graduandos do curso de Letras, a fim de que posteriormente trabalhem Machado de Assis com alunos do Ensino Médio.

Como embasamento das análises aqui feitas, foram consultados autores que já se dedicaram a estudar textos e características estilísticas de Machado de Assis, como Bosi (2017), Couri (2001), Chevalier e Gheerbrant (2008), Neves (2002), Bergamini (2008) e Fogal (2011).

## DESENVOLVIMENTO

Partindo do destaque para a figura feminina presente nos três contos de Machado, grande escritor de temáticas universais, as personagens Rita (*A cartomante*), D. Severina (*Uns braços*) e Conceição (*Missa do galo*) serão analisadas como sendo as personagens que, de fato, seduzem seus interlocutores e o leitor.

Nessas obras, um dos pontos que catalisam a sedução existente na trama é o fato de que as personagens femininas estão fora do alcance dos protagonistas masculinos, pois já se encontram casadas. Camilo, em *A cartomante*, por exemplo, começa a desenvolver sua paixão por

Rita logo após receber cartas de seu amigo Vilela que descrevem a esposa. Em *Uns braços*, o matrimônio estabelecido entre Borges e D. Severina impossibilita Inácio de manter um relacionamento conjugal com ela, mas ainda assim o garoto se deixa apaixonar pela senhora. Já em *A missa do galo*, foi ao conversar com Conceição, esposa de Meneses, que o jovem Nogueira aflora sua percepção sobre ela.

Isso demonstra que o fato de as mulheres serem proibidas é um dos fatores que intensifica o desejo. Da mesma forma, fazendo intertextualidade com o Gênesis da Bíblia, é a proibição do fruto que o torna cobiçado por Eva.

Outro ponto relevante que intensifica a característica sedutora das três mulheres dos contos analisados é o fato de elas serem mais velhas que os protagonistas masculinos. Em *A cartomante*, Camilo tem 26 anos, e Rita tem 30. Inácio e D. Severina, no conto *Uns braços*, têm, respectivamente, 15 e 27 anos. Por último, em *Missa do galo*, Nogueira apresenta uma diferença de 13 anos em relação à Conceição. Ele conta com 17, e ela, com 30.

A diferença de idade, especialmente nos contos *Uns braços* e *Missa do galo*, faz com que as mulheres sejam mais maduras e sagazes, enquanto os homens, por serem jovens, apresentam-se como ingênuos e inocentes. Por eles estarem em um processo de amadurecimento físico e psicológico, são impulsivos e facilmente influenciáveis pela sedução da figura feminina.

Prosseguindo com a caracterização das mulheres, Machado de Assis as descreve de modo realista como aquelas que, pelo menos a princípio, não apresentam uma beleza estonteante. Em *Uns braços*, ele faz a seguinte afirmação sobre D. Severina: “não se pode dizer que era bonita, mas também não era feia” (ASSIS, 1994, p. 9). Da mesma forma, com relação à Conceição, em *Missa do Galo*, “o próprio rosto era mediano, nem bonito nem feio” (ASSIS, 2006, p. 3).

Posteriormente, quando o protagonista começa a demonstrar interesse pela mulher, ele passa a idealizá-la, atribuindo-lhe ou ressaltando virtudes que ela possuía. Isso mostra a preocupação maior de Machado de Assis em tecer personagens com fortes e complexas características psicológicas, o que conduz ao seu rompimento com o período romântico da literatura, no qual as personagens eram planas e completamente idealizadas. Como afirma Fogal (2011, p. 5),

Outro ponto em comum é o modo de se construir os personagens, com seus perfis incompletos, contraditórios e complexos, o que os diferencia do simples personagem títere ou autômato. Além disso, tal particularidade pode ser enxergada como mais um elemento de divergência em relação ao que se entende como padrão romântico na literatura brasileira, uma vez que tal tipo de criação literária focaliza o enredo e seus desenlaces ao invés de dar ênfase à constituição psicológica dos personagens.

A caracterização da personagem feminina demonstra uma especial desenvoltura do autor para construí-las. Como reitera Bergamini (2008, p. 1),

Machado de Assis era um sábio e profundo conhecedor da natureza humana e sempre foi louvado pela crítica como um grande delineador de personagens femininas e, segundo Alberto Bagby 'onde parece que alcançou maior acerto do que na caracterização de figuras masculinas'.

As figuras, em seus respectivos papéis de narrador nos contos analisados, como já dito anteriormente, são apresentadas como personagens

ingênuos, mesmo que tenham uma parcela de culpa pelo seu desejo proibido. A narração induz o leitor a inocentar esses personagens e condenar a mulher por ser alvo desse desejo tido como pecaminoso, por ela já ser casada.

Em *A cartomante*, Camilo é descrito exatamente como “um ingênuo na vida moral e prática” (ASSIS, 1994, p. 2). Já Nogueira, em *Missa do galo*, ao ouvir Meneses dizendo que iria ao teatro, apresentou interesse em acompanhá-lo, imaginando que seria um programa de entretenimento cultural. Só mais tarde descobriu que, na realidade, o teatro era um “eufemismo em ação” (ASSIS, 2006, p. 3), expressão que designa um lugar que era cenário do adultério que o escrivão cometia. Por fim, Inácio, em *Uns braços*, é a personificação da pureza e candura, como seu próprio nome indica, por significar “filho” (NEVES, 2002).

Tais protagonistas masculinos têm seu ponto de vista apresentado pelos narradores, que sempre ressaltam esse caráter ingênuo deles. Especialmente em *Missa do galo*, no qual o narrador é personagem, e o leitor, por esse motivo, recebe as informações segundo o que é apresentado por Nogueira, que descreve a história frisando sua ingenuidade. Ele a inicia com a seguinte afirmativa: “Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta” (ASSIS, 2006, p. 3), embora toda sua narração sugestione comportamentos insinuantes da sua interlocutora.

Em *Uns braços*, há um narrador onisciente, que, apesar de também mostrar o ponto de vista de D. Severina, transmite as informações como se estivesse a favor da personagem masculina, tal qual um cúmplice. Esse fato corrobora para ressaltar a natureza ingênua de Inácio.

O narrador observador, em *A cartomante*, cria um ar de mistério na história por focar sua descrição na narração dos acontecimentos, trazendo apenas a versão de Camilo. Isso induz o leitor a imaginar e querer saber sobre o desfecho da trama. O leitor tem que se embrenhar

na atmosfera da narrativa para dela extrair os detalhes tão caros ao desenlace do conto.

A variedade de tipos de narradores nas obras demonstra o domínio evidente de Machado de Assis sobre as técnicas de escrita para adequar sua narração à história que pretende contar, suscitando os efeitos esperados no seu público. Ele utiliza o narrador-personagem, em *Missa do galo*, para criar dubiedade dos fatos narrados; em *Uns braços*, onisciente para aumentar a tensão da trama e intensificar o conflito de desejos proibidos e recíprocos entre os personagens Inácio e D. Severina; e observador em *A cartomante* para, como dito, criar uma atmosfera de mistério.

Desse modo, é possível observar como os narradores machadianos manipulam os leitores durante as histórias. Eles apresentam “um complexo multiperspectivismo que nos dá a impressão de que este se reveste de várias máscaras, demonstrando uma grande variabilidade de modos de abordar o objeto” (FOGAL, 2011). No caso desses contos, a manipulação está evidente na indução do público a acreditar na constante inocência do protagonista em suas relações de desejo sexual pela personagem feminina do seu interesse.

Em todos os contos, há a criação desse contraste de papéis entre o masculino ingênuo e inocente e o feminino artiloso e sedutor. Novamente, pode-se notar um reflexo intertextual da história de Adão e Eva na trama dos contos aqui analisados, nos quais a mulher seduz o homem ao erro, e este, apenas por influência dela, comete o pecado, ou almeja cometê-lo. No Gênesis, o pecado era comer o fruto proibido; nos contos de Machado de Assis, é desejar as mulheres que já se encontram em matrimônio. Portanto, as personagens femininas desempenham papéis similares aos de fruto proibido cobiçado e serpente, como aquelas que disseminam a tentação.

Como observa Bergamini (2008, p. 12) sobre essa construção machadiana,

O homem ser adúltero é uma forma de legitimar o comportamento masculino, transformando-o em dado natural, a mulher é o problema. Ela se oferece e se nega, provoca e recusa, tece cumplicidade e recusa a abordagem – a mulher encarna o lado tentação, o lado sensualidade, o lado provocação, a culpada pelo adultério.

A religiosidade, inclusive, é um assunto muito recorrente nas obras de Machado de Assis, mesmo que indiretamente. Provavelmente, por ser uma questão de grande peso na sociedade da época em que ele viveu e na qual se passam os contos trabalhados neste artigo: a burguesia carioca do séc. XIX (COURI, 2001). Entretanto, é um assunto abordado nas tramas com fina ironia e crítica, pois as histórias se desenrolam de modo a mostrar a hipocrisia de personagens religiosos que têm pensamentos pecaminosos e, às vezes, que praticam ações pecaminosas – principalmente as mulheres –, embora se cubram com o que Machado de Assis constrói como uma máscara – portanto, falsa – de santidade.

Isso nos parece que é claro em *Missa do galo*, no qual a personagem Conceição é referida como “Boa Conceição! Chamavam-lhe ‘a santa’, e fazia jus ao título” (ASSIS, 2006, p. 3) por tolerar pacificamente as traições do marido. Entretanto, de acordo com as pistas dadas pela narração de Nogueira, Conceição perde um pouco da sua característica de santa por se comportar de um modo sugestivamente insinuante.

Tais pistas podem ser encontradas durante a conversa entre Nogueira e Conceição enquanto ele espera o horário da missa. Elas se apresentam na descrição que ele faz de movimentos e comportamentos dela, como na passagem em que ele diz algo, e ela parece não ouvir, dizendo: “O quê? Perguntou ela inclinando o corpo para ouvir melhor” (ASSIS,



2006, p. 5). Seu comportamento suspeito também pode ser notado quando ela chega na sala em que está Nogueira, e ele se preocupa em tê-la acordado, ao que ela responde: “Não! qual! Acordei por acordar” (ASSIS, 2006, p. 4), e ele observa de si para si “Fitei-a um pouco e duvidei da afirmativa. Os olhos não eram de pessoa que acabasse de dormir; pareciam não ter ainda pegado no sono” (ASSIS, 2006, p. 4).

Também em *Missa do galo*, há essa contraposição entre aparência de sagrado e atitudes profanas na presença de quadros pertencentes ao Meneses que ilustram mulheres descritas por Nogueira como vulgares, mas, ainda assim, ele afirma que esses quadros “não me pareciam feios” (ASSIS, 2006, p. 6). Conceição os condena como sendo algo impróprio para uma casa de família. Apesar de suas atitudes narradas como suspeitas, ela diz possuir uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, como que reafirmando sua pureza.

É curiosa, inclusive, a questão de que o nome dessa personagem seja Conceição, nome geralmente escolhido justamente em honra à Nossa Senhora da Conceição e que, por isso, traz o significado de “concebida sem pecados”, de acordo com o *Dicionário de nomes próprios*, de Neves (2002). Essa escolha, portanto, não parece ter sido feita aleatoriamente por Machado de Assis. De qualquer maneira, os nomes dados aos personagens geralmente exercem efeitos sobre sua caracterização, já que “nomear é fazer existir” (NEVES, 2002, n. p.), o que demonstra a relevância de observar a significação de alguns nomes nesta análise.

Nos demais contos, apesar de não haver referências explícitas à religiosidade, sempre há seu peso por trás da narrativa, pois o que problematiza as relações almejadas entre os protagonistas masculinos e as mulheres por eles visadas é a retidão moral ditada pela religião católica, que condena o adultério. Também há o contraste entre sagrado e profano. Em *Uns braços*, isso está presente na descrição de D. Severina como a culpada por trazer seus braços nus constantemente, o que seria

imoral e, portanto, profano. Assim sendo, o seu corpo seria o sagrado que deveria estar encoberto.

Em *A cartomante*, há a presença do sobrenatural na figura da cartomante. Antes de consultá-la, o protagonista, Camilo, não dá importância ao seu papel, mas após ceder à sua curiosidade de visitá-la, ele passa a ver as previsões que ela faz como algo sagrado que desejava que acontecesse “tais eram os elementos recentes, que formavam, com os antigos, uma fé nova e vivaz” (ASSIS, 1994, p. 5).

Ainda sobre a contraposição entre o sagrado e o profano, a passagem “Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca” (ASSIS, 1994, p. 3), apresenta o homem como o ingênuo que tentou se livrar da sedução da mulher, que, mais uma vez, representa o profano, podendo ser comparada tanto à Eva quanto à serpente bíblica à qual já fizemos referência.

Voltando-se para a questão do tempo nos três contos analisados, é possível perceber a predominância do tempo cronológico, apesar de o psicológico também estar presente, especialmente em *Missa do galo*. Nesse conto, a personagem se perde em seu tempo psicológico durante a conversa com Conceição, deixando-se levar pelo prazer que descobrira na companhia da senhora. Ele, que esperava o horário para ir à missa, perde a noção do tempo real de tal modo que leva até mesmo o leitor a ter uma noção desproporcional da passagem do mesmo dentro da trama. Isso pode ser percebido na seguinte frase: “Chegamos a ficar por algum tempo, – não posso dizer quanto – inteiramente calados” (ASSIS, 2006, p. 7).

Como é um traço de Machado de Assis privilegiar o caráter e a psicologia dos personagens em detrimento das suas ações (FOGAL, 2011), há sempre, nos contos, momentos em que os personagens divagam internamente em seus pensamentos. Nesses casos, temos mais exemplos

de tempo psicológico, como quando Camilo está a caminho da casa de Vilela em *A cartomante*, e seus ânimos exaltados pela excitação da curiosidade suscitada pelo bilhete o fazem, ao mesmo tempo que corre fisicamente, correr em seus pensamentos. Isso dá uma noção de passagem rápida do tempo.

Em *Uns braços*, a noção de tempo real é perdida quando Inácio dorme na rede e oscila entre seu sonho com D. Severina e a realidade, na qual ela o fica observando ressonar por um tempo incalculável. Perde-se a noção do tempo. O leitor é tomado pela espera, ou seja, ele também observa D. Severina observando Inácio.

O tempo cronológico, que é mais recorrente, pode ser encontrado diversas vezes nas obras citadas. Em *Missa do galo*, ainda no início, quando Nogueira está à espera da missa que irá acontecer meia-noite, ele nos dá a seguinte informação: “Às dez horas da noite toda a gente estava nos quartos; às dez e meia a casa dormia”. Mais à frente: “ouvi bater onze horas” (ASSIS, 2006, p. 3).

Em *Uns braços*, o tempo cronológico é perceptível quando Inácio vai até a uma das janelas que ficam de frente para o mar, após se retirar da mesa do café da manhã. Em “Cinco minutos depois, a vista das águas próximas e das montanhas...” (ASSIS, 1994, p. 9), a exatidão do tempo decorrido é um forte indício do tempo linear. Além disso, o narrador informa há quanto tempo Inácio vive na casa do solicitador: “Havia cinco semanas que ali morava...” (ASSIS, 1994, p. 9).

Por fim, no conto *A cartomante*, a primeira conversa entre Camilo e Rita acontece “numa sexta-feira de novembro de 1869” (ASSIS, 1994, p. 1), após Rita dar explicações a Camilo sobre sua ida à cartomante. Com o decorrer da trama, o amante de Rita é intimado a comparecer à casa de Vilela quando “era mais de meio-dia” (ASSIS, 1994, p. 3). Pouco tempo depois, o narrador observador indica que “era perto de uma hora da tarde”, mais uma vez, valendo-se do tempo cronológico.

Também há várias especificações dos lugares onde se desenrolam as histórias. Há citação de nomes de cidades, de ruas e travessas para caracterizar, com realismo, os ambientes em que as histórias se passam. Mas a verdadeira significação do espaço escolhido para a trama está na figura da casa. Entre outras coisas, “a casa é também um símbolo feminino, com o sentido de refúgio, de mãe, de proteção, de seio maternal” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, n. p.) Todos os clímax, nos três contos analisados, ocorrem dentro da casa da mulher.

Esse fato nos traz de volta para a importância da figura feminina. Em *A cartomante*, apesar de a maior parte da narração acompanhar Camilo pelas ruas, é dentro da casa de Rita que o desfecho atinge seu ápice. No quarto de Inácio, na casa de D. Severina, é onde culmina o desejo entre os dois em *Uns braços*. E na sala da casa de Conceição é que a conversa sugestiva se desenrola entre ela e Nogueira em *Missa do galo*.

Um ponto em comum dessa observação nos três contos é que a casa é sempre o território feminino. Isso destaca ainda mais a posição de poder da mulher como a senhora dona da propriedade e intensifica a inferioridade dos protagonistas masculinos diante dela, pois, nesses casos, são sempre os hóspedes ou convidados dentro das residências, ficando em situação de fragilidade maior ainda.

A casa representa, portanto, o lar, o íntimo feminino, e o fato de os protagonistas masculinos estarem inseridos dentro dela reforça, no leitor, o sentimento de invasão que essa situação causa. Isso intensifica a tensão da trama e compõe o espaço perfeito para o clímax da problematização suscitada pela sedução que desperta desejos proibidos nos personagens.

Podemos notar, desse modo, que as tramas dos três contos giram em torno do interesse ou desejo do protagonista por uma personagem feminina já casada, o que impossibilita a relação entre os dois e, talvez, propulsione suas ambições. Temos três diversos tipos de protagonistas

masculinos, com idades diferentes e em contextos variados, mas todos estão em posição de inferioridade e ingenuidade perante as mulheres de seu interesse. Estas são construídas como aquelas que manejam e comandam, sendo astuciosas e cerebrais, mulheres que sabem o que querem e onde pisam (BERGAMINI, 2008) e, por isso, têm grande capacidade de sedução, mesmo inconscientemente.

Enlaçando os elementos da narrativa com maestria inigualável, Machado de Assis constrói enredos que, por meio dos seus personagens ricamente arquitetados, seduzem o leitor. Como afirma Bosi (2017, n. p.), “O objeto principal de Machado de Assis é o comportamento humano”, portanto, não é por menos que suas personagens sejam tão cativantes. Principalmente a figura feminina, centro dos contos analisados e serpente sedutora que enlaça o leitor à trama juntamente com o protagonista das histórias.

Não esqueçamos que Machado de Assis é consagrado pela criação da personagem mais aclamada da literatura brasileira: Maria Capitolina, ou Capitu. As mulheres, nas três obras, sendo a causa de todo o conflito, trazem traços psicológicos do arдил com que Capitu é narrada em *Dom Casmurro*, do mesmo autor. Livro no qual, inclusive, o protagonista masculino, Bentinho, também é posicionado como o ingênuo e inocente diante das espertezas da personagem.

É relevante ressaltar a frequência da intratextualidade que Machado de Assis faz de suas obras. Em *Dom Casmurro*, *Missa do galo* e *Uns braços*, os protagonistas masculinos dão atenção especial aos braços das suas interlocutoras. No romance, há um capítulo inteiro em que Bentinho divaga sobre os braços da esposa de Escobar; em *Missa do galo*, Nogueira descreve muito bem os braços de Conceição, quando esta se debruça sobre a mesa; e no próprio conto *Uns braços*, são, obviamente, os braços de Conceição que despertam o interesse e a paixão de Inácio por ela.

Outro elemento bastante recorrente nessas obras machadianas é a presença do mar. Este é narrado dentro da trama sempre em situações de grande clímax. Em *Dom Casmurro*, aproveitando a intratextualidade, Escobar morre afogado ao ir nadar no mar; Camilo, assim que termina de ouvir os presságios da cartomante e sai da casa dela, dá destaque para o mar em seus pensamentos: “Camilo olhou para o mar (...) e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável” (ASSIS, 1994, p. 5). Quando Inácio se deita na rede no domingo em que tem o que acha ser um sonho com D. Severina, há também citação do mar: “Um domingo – nunca esqueceu esse domingo –, estava só no quarto, à janela, virado para o mar, que lhe falava a mesma linguagem obscura e nova de D. Severina” (ASSIS, 1994, p. 10).

É relevante dar atenção ao simbolismo do mar dentro das tramas desses contos. “Para os místicos, o mar simboliza o mundo e o coração dos homens, é a sede das paixões humanas” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. 593), assim, tal simbologia pode representar a paixão dos protagonistas masculinos por suas respectivas interlocutoras, que são mulheres que possuem um natural poder de sedução. O mar também pode significar “ambivalência entre a realidade e as possibilidades de realidade, representa a incerteza, a dúvida, a indecisão, podendo levar tanto ao bem como ao mal” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. 593), simbolizando, desse modo, um momento de conflito interno e dúvida dos personagens frente ao futuro.

## CONCLUSÃO

A partir da análise realizada dos três contos de Machado de Assis, *A cartomante*, *Uns braços* e *Missa do galo*, conclui-se que a figura feminina, quer seja propositalmente, quer não, exerce um poder de sedução sobre os protagonistas masculinos. A mulher, nesse sentido, é não

só alguém que tem grande relevância na trama como propulsora dos acontecimentos da narrativa, como também uma figura que mistifica a história, seduz o leitor e, assim, desperta nele a curiosidade de descobrir o desfecho do conto. Por meio de algumas pistas conduzidas sugestivamente pelo narrador, o leitor é levado a interpretar símbolos que são apresentados de forma muito sutil por ele.

A sedução, nos três contos visitados, se dá de forma gradual, ou seja, o leitor vai sendo atraído lentamente. Há, portanto, um clima interno e externo de sedução, há uma atmosfera propícia ao jogo sutil do exercício da arte de bem seduzir. Eis aqui a maestria de Machado de Assis como escritor sedutor, pois sua maestria está tão bem representada por três figuras femininas fortes e, sutilmente, sedutoras.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, J. M. M. de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000256.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2017.

ASSIS, J. M. M. de. **Missa do galo**. 2006. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/missadogalo.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2017.

BERGAMINI, D. L. As mulheres nos contos de Machado de Assis. **Darandina Revista Eletrônica**, v. 1, n. 2, out. 2008. Disponível em: [http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/as\\_mulheres\\_no\\_conto.pdf](http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/as_mulheres_no_conto.pdf). Acesso em: 3 dez. 2017.

BÍBLIA SAGRADA, A. T. **Gênesis**. 79. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2009. cap. 2.

BOSI, A. Machado de Assis - o enigma do olhar. *In*: **Revista Cult**. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/alfredo-bosi-decifra-enigmas-de-machado-de-assis/>. Acesso em: 9 dez. 2017.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 12. ed., Rio de Janeiro: José Olympio. Disponível em: <https://sites.google.com/view/dicionariodesimbolos/casa>. Acesso em: 10 dez. 2017.

COURI, C. R. Machado de Assis: o enigma do olhar. **Psicol. USP**; 2001, v. 12, n. 1, p. 227-230. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642001000100012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000100012). Acesso em: 9 dez. 2017.

FOGAL, A. A. O narrador de Machado de Assis e a desconstrução do romance romântico em A Mão e a Luva. **Revele: Revista Virtual dos Estudantes de Letras**, [S.l.], v. 3, p. 306-320, dez. 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/revele/article/view/3916>. Acesso em: 12 dez. 2017.

NEVES, O. **Dicionário de nomes próprios**. São Paulo: Casa das Letras, 2002.



## NOTAS DE FIM

- 1 Este artigo é resultado de atividade de Ensino no curso de Letras da UEMG Divinópolis.
- 2 Aluna do 5º período do Letras da UEMG Divinópolis.
- 3 Aluna do 5º período do Letras da UEMG Divinópolis.
- 4 Professor da UEMG Divinópolis, mestre em Letras – Literatura – pela PUC-Minas.
- 5 Professora da UEMG Divinópolis e mestre em Língua Portuguesa pela PUC-Minas.